



AVISO IMPORTANTE:

Este é um **Material de Demonstração**

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA **APOSTILA COMPLETA?**



Conteúdo totalmente **alinhado** ao edital



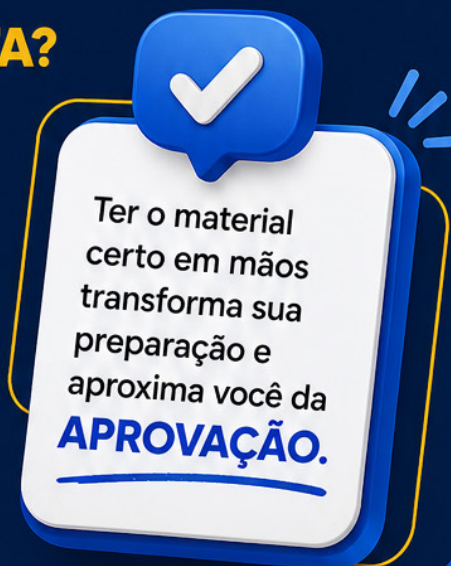
Teoria **clara, objetiva** e sempre **atualizada**



Questões **gabaritadas**



Diferentes práticas que **otimizam** seus estudos



Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:

<https://www.editoragabaritei.com.br/>





SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

SEDUC-CE

Professor de Geografia

EDITAL Nº 014/2026

GBT-046AG-26

SUMÁRIO

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Concepções do pensamento geográfico e sua influência no ensino da Geografia: Conceitos fundamentais, principais correntes teóricas e princípios metodológicos;	5
Abordagens teóricas e metodológicas no ensino da Geografia: metodologias ativas, alfabetização cartográfica digital e o raciocínio geográfico (analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem);	16
O meio ambiente: relações entre estrutura geológica, relevo, clima, hidrografia, vegetação e solos na formação das paisagens e sua discussão no ensino de geografia; As grandes paisagens naturais no mundo e no Brasil;	24
Degradação do meio-ambiente, conservação dos recursos naturais e mudanças climáticas; O processo de desertificação no Nordeste; A gestão de recursos hídricos (Interligação do Rio São Francisco) e o potencial das energias renováveis (eólica e solar/hidrogênio verde).	38
Políticas Ambientais, o Acordo de Paris e a Agenda 2030 (ODS);	45
Geopolítica no Século XXI e o ensino de geografia; As corporações e os agentes hegemônicos da produção do espaço; Multipolaridade (ascensão da China), conflitos contemporâneos (Rússia-Ucrânia, Oriente Médio) e a Indústria;	51
Globalização, mundialização e fragmentação: Sul Global; América Latina; América Anglo-Saxônica.	54
A economia mundial e do Brasil;	60
Energia e Transporte;	66
Agricultura familiar, agroecologia e reforma agrária;	74
Trabalho, renda e desigualdades socioeconômicas;	80
A população e as formas de ocupação do espaço: Os contrastes regionais do Brasil; Transição demográfica brasileira atual; Fluxos migratórios e refugiados;	85
Urbanização e metropolização no ensino de Geografia; Conceitos como cidades inteligentes, gentrificação e a segregação socioespacial nas metrópoles. A questão urbana: contrastes regionais; a problemática nordestina no contexto nacional;	90
Geografia Regional: o Ceará em destaque. Economia Regional: O Porto do Pecém, o Distrito Industrial de Maracanaú e o agronegócio no Vale do Jaguaribe. Dinâmica Territorial: A organização do espaço cearense e as políticas de desenvolvimento regional.	96
Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) para o Ensino Médio.	100
Aspectos avaliativos no Ensino da Geografia.	111



▪ **CONCEPÇÕES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS, PRINCIPAIS CORRENTES TEÓRICAS E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS;**

NOVAS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

O Ensino de Geografia para Além do Tradicionalismo¹

O ensino nos estabelecimentos educacionais tem sido uma tarefa difícil, contudo, essas instituições, em seu exercício pleno em instruir e formar cidadãos, necessitam discutir mudanças em suas formas de apreensão do conhecimento. Nesse contexto, tal reflexão se torna inerente à Geografia e sua aplicabilidade nas escolas, pois, como ciência dinâmica, a mesma, de forma geral, ainda está sendo pautada, em diversas localidades, somente com abordagens metodológicas tradicionais, o que de forma grandiosa impede uma construção mais efetiva do saber.

Entretanto tem-se visto que na escola o ensino da Geografia tem sido descontextualizado da vida do aluno, de sua realidade social, tornando-se uma disciplina reprodutora de conteúdos elencados no livro didático e que devem ser decorados para serem submetidos a uma medição que é a prova.

Nesse sentido, conduz a uma formação desestimulante, fragmentada no que se refere ao entendimento dos conceitos geográficos e consequentemente gera a desvalorização da disciplina pelo educando. (SANTOS, 2010, p. 5).

Observa-se que a prática em sala de aula, ainda conduz ao estranhamento da Geografia como conhecimento capaz de promover uma visão de mundo. Os problemas com ensino existem, mas, de que forma podemos romper com método tradicional? Em primeiro lugar, o uso do livro didático como ferramenta definidora do que ensinar. É perceptível que, esse instrumento para o ensino, ainda é fundamental no processo de aprendizagem em Geografia, a sua utilização, em muitas escolas é preponderante, alijando a reflexão sobre a possibilidade de outros recursos. Cor-

roborando para a ampliação desse entendimento, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, pag. 339) afirmam que, “a variação de usos em sala de aula depende da relação existente entre vários fatores: formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende”.

Em segundo, a questão do professor, a forma como se planeja as aulas durante o semestre, a negação do pensar a realidade escolar, o cansaço das longas jornadas de trabalho, a omissão em relação a educação e o despreparo são leituras que devem ser ponderadas, pois, resultam em planejamentos desconexos com a realidade do discente. Contudo, as transformações na relação ensino-aprendizagem no ensino de Geografia são necessárias.

“O professor no processo de ensino da Geografia deve contribuir de maneira crítica frente a conteúdos muitas vezes impostos pelos manuais didáticos que não permitem a visualização da realidade pelo aluno. Desse modo, pode-se buscar um conteúdo adequado, que seja exposto para o educando de forma apropriada a fim de que este perceba a relação dessa disciplina com a sua vida, com o seu cotidiano.” (VLACH e LIMA apud SANTOS, 2010, p. 6).

A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2006, p.51).

Faz-se necessário, repensar a metodologia utilizada no ensino da Geografia no âmbito escolar. Sabe-se que diversos conteúdos são trabalhados sem as devidas relações com outros correlatos, haja vista os conhecimentos evidenciados pela Geografia física que são muitas vezes estudados, sem fazer as devidas conexões com a sociedade.

É importante também salientar, que a escola, principalmente as da rede pública, carece de recursos didáticos para desenvolver projetos e aulas diferenciadas. Há uma cobrança para o desenvolvimento de um trabalho mais dinâmico, mas, a realidade escolar pública consta com o sucateamento e a precarização.

Discutir os desafios no ensino de Geografia é muito relevante, não apenas para romper o tradicionalismo e dar início ao ensino crítico, mas para tratar desse ensino crítico é preciso planejar que propostas e que Geografia crítica é esta.

Em meio a tantas propostas metodológicas a serem executadas no ensino básico, o professor não pode deixar de trazer seu olhar para os recursos audiovisuais. O uso dos recursos audiovisuais, em específico os filmes cinematográficos, podem ser uma prática recorrente à dispersão do conhecimento geográfico. Essa ferramenta permite melhorar a relação ensino-aprendizagem, da Geografia contribuindo para promover o interesse do aluno, além de tornar as aulas mais prazerosas.

¹ OLIVEIRA, Dulce Andreza Santos de; SANTOS, Ricardo Menezes. AS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O USO DE FILMES CINEMATOGRAFICOS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/1522/125>.

Nas aulas de geografia em específico, é de conhecimento do professor que uma atividade, não comum ao dia a dia dos alunos, tem um valor significativo, pois quando bem elaborada e executada contribui positivamente no processo de construção do saber.

As Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia: a Leitura do Mundo com as Produções Cinematográficas²

A sociedade vigente recorre cada vez mais à utilização dos meios tecnológicos para enriquecer o conhecimento. E partindo deste contexto, a escola não pode se distanciar das linguagens existentes para serem utilizadas. Para tanto, há uma série de propostas metodológicas para enriquecer o conhecimento seja através da literatura, música e teatro ou cinema certamente se bem planejada a dinamização da relação ensino aprendizagem. O uso do recurso cinema, na Geografia, não soluciona problemas, mas certamente ajudar a superar tal desinteresse pela disciplina que possivelmente desenvolvera outras habilidades no discente. Por outro lado utiliza-se tal ferramenta como uma solução imediata para cobrir a falta de profissionais ou apenas para passar tempo, ou seja, um “tapar buraco”.

A relação da geografia com cinema permeia por caminhos possíveis para análise sócio espacial bem como levantar questões desde indústria cinematográfica ao envolvimento interdisciplinar bem como os temas transversais propostos pelos PCN's.

Tendo em vista, esta possibilidade que permeia um leque de informações, a escola e o professor tem um papel importante de mediar o uso destas linguagens, sobretudo promover o desenvolvimento crítico das imagens a serem vistas além de possivelmente os mesmos saibam selecionar melhor as informações a partir das redes de comunicações. Segundo Pontuschka, Paganelli e Caceite (2007) quando diz respeito à linguagem cinematográfica, “O professor tem um papel importante nesse processo, como processo, como mediador entre aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significações às informações”.

A proposta metodológica em si tem um caráter enriquecedor no processo ensino aprendizagem e no que diz respeito ao ensino de geografia o valor que o cinema possibilita privilegia a Geografia as diferentes formas de análise a cerca o espaço geográfico e enquanto disciplina escolar permite de fato que o aluno saiba contextualizar a informações trazidas no livro didático relacionando a linguagem cinematográfica. A sua aplicabilidade impulsiona pensar o espaço e incorporar ponto de vistas diferentes, uma vez que a imagem é movimenta.

A atividade proposta através da utilização de filmes é um componente, mas que o professor precisa ter domínio de uso e ter consciência do que de fato é importante para o desenvolvimento das aulas e principalmente o intelecto dos alunos. É por esta razão que é preciso se atentar e o professor deve estar ciente de como irá conduzir a aula a partir do uso dos filmes.

A linguagem cinematográfica e o ensino da Geografia atingem uma rica e provocante discussão promovendo um meio de pesquisa e ensino. Sobretudo porque a imagem confronta o que é visto, entre o que é vivido nos impondo um despertar crítico. O nosso desafio enquanto docente é promover acerca do cinema

para além do que é visto é propor um efeito contrário ao que é imposto ideologicamente.

Os PCN's têm por finalidade, no ensino de Geografia, sugerir que o uso do livro didático não seja a opção de leitura e interpretação do espaço, mas que a partir dos recursos tecnológicos em específico a linguagem cinematográfica seja mais um subsídio para melhorar relação ensino-aprendizagem.

Acredita-se que a escola que rompe as barreiras encontradas no ensino básico, incentiva que os professores da mesma pensem as possibilidades a partir das práticas pedagógicas existentes que em muitas situações estão engavetadas simplesmente por acomodação. Por esta razão, a motivação para vivenciar outras práticas pedagógicas nos permite que o saber-fazer em Geografia ultrapasse o caráter descritivo e logo o de memorizar uma vez que a provocação feita acerca da linguagem cinematográfica possibilita um aporte de atividades e instigando o desenvolvimento a importância da reflexão sobre a sociedade.

A intenção do uso deste recurso se faz necessário uma vez que, pode contribuir e complementar os conteúdos que têm relação com o filme a ser trabalhado, além de permitir enquanto professor novas intenções educativas, sobretudo o uso de novas tecnologias.

A análise local/global a partir da linguagem cinematográfica articula a constituição e uma reflexão sobre a realidade vivida e neste tocante que o mediador, ou seja, o professor deve articular bem as informações assistidas.

Representação, Geografia e Cultura³

Desde épocas remotas as sociedades se expressam por meio de representações, sendo estas expressões culturais, conforme coloca Wagner e Mikesell (2000, p. 114): “a cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”.

As pinturas rupestres feitas em paredes de cavernas, os blocos de rochas, pergaminhos, papirus são exemplos da prática de representar através de símbolos, que trilham o passado mais remoto, chegando aos dias atuais, quando o papel e o meio digital aparecem como veículos de representação. Segundo Galvão (2007, p. 53):

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro ‘ver’ das sociedades.

Assim, representação está relacionada a linguagem, sendo imbuída de signos e singularidades próprias das sociedades, refletindo a percepção de cada uma destas em relação ao seu espaço vivido, “atrelando-se, à produção de imagens subjetivas, que possuíam referência nas relações objetivas, afetivas, políticas e culturais” (GALVÃO, 2007, p. 53). A definição de linguagem pode ser atribuída, não só a língua, mas a outros mecanismos de comunicação; “exclamações, gestos, expressões faciais, etc., também são linguagens; de outro modo, pinturas, emblemas e tudo que é regularmente reconhecido como “significando algo” também são linguagens” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 116). Neste contexto,

2 OLIVEIRA, Dulce Andreza Santos de; SANTOS, Ricardo Menezes. AS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O USO DE FILMES CINEMATOGRAFICOS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/1522/125>.

3 DIAS, Angélica Mara de Lima; Lima, Jeyson Ferreira Silva de; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. IV – Fórum Internacional de Pedagogia – Parnaíba/PI – Ensino de Geografia - LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E SÍMBOLOS. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ef2a4be5473ab0b3cc286e67b1f59f44.pdf>.

Kozel (2005 citando Harley, 1991) defende a importância de se considerar e reconhecer todo e qualquer tipo de representação como uma forma de linguagem das diferentes civilizações. Portanto, pode-se observar o papel fundamental que a linguagem desempenha quando nos referimos às representações.

Desta forma, o termo representação pode ser compreendido “como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade”. (KOZEL, 2005, p. 140-141).

Com a transformação da sociedade e, principalmente, com o grande desenvolvimento da tecnologia, o modo de representar vai se modificando. Como já foi dito, em um primeiro momento as representações referenciavam práticas da vida em sociedade, ritos, costumes, rotas, caminhos percorridos. Em seguida, com a expansão colonial, seguindo a lógica capitalista que desvendou dimensões do mundo ainda não conhecidas, se fez necessário formas mais precisas de representação. Nesse contexto, as representações cartográficas do espaço físico passaram por um processo de valorização que repercutiu sobre a cartografia.

Conhecer o território passou a significar pensar o espaço e “saber agir sobre o terreno” (LACOSTE, 1997, p.55). Mediante tal valorização, pensar o espaço passou a ser uma exigência para as altas classes da sociedade, como salienta Lacoste (2007, p. 54):

Durante séculos o saber ler, escrever e contar foi o apanágio das classes dirigentes e, desse monopólio, elas obtinham um acréscimo de poder. Mas as transformações econômicas, sociais, políticas, culturais na Europa do século XIX, como hoje nos países ‘subdesenvolvidos’ fazem com que tenha se tornado indispensável que os homens saibam pensar o espaço como linguagem que, através de cartas e ou mapas, representa o espaço físico, ou seja, a superfície terrestre, o aporte cartográfico passou a ser também instrumento de dominação.

A partir de um meio tecnicista e matemático, as classes dirigentes se utilizaram da representação cartográfica para mostrar o “mundo real”. Neste sentido, embora os mapas tenham sido concebidos como uma representação plana e matematicamente precisa da superfície terrestre, eles contêm uma forma ideológica de apresentar o espaço geográfico, o que reflete, sobretudo, uma abordagem sociocultural, proveniente de um discurso, que muitas vezes é reproduzido e serve de manipulação ideológica. (KOZEL, 2005 apud GALVÃO, 2007, p. 54).

Entretanto, esta perspectiva tecnicista vem sendo repensada pela cartografia. No que concerne a abordagem cultural, as representações na Geografia fazem parte do conhecimento simbólico, assumem aspectos “da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo retificado da ciência e da política” (GALVÃO, 2007 apud GIL FILHO, 2007, p. 55).

Dessa forma, a experiência cotidiana do homem no espaço parte de um conjunto de símbolos e signos que são criados e recriados continuamente, inserindo-se na lógica da produção, apropriação, percepção e representação da realidade.

Representação como Forma de Linguagem, Elemento de Mediação no Ensino de Geografia

O ser humano elabora diversas representações sobre o mundo em que vive. Estas são historicamente constituídas e “oriundas das mais diversas formas de percepção tidas no interior e no movimento de sua existência social, psíquica e orgânica” (KIMURA, 2008, p. 133). Sobre o tema, Kimura (2008, p. 133) ainda acrescenta:

As representações feitas pelos homens, ao falarem do mundo do qual eles fazem parte, estão plenas de significado. Para sua elaboração, exercem um papel essencial a linguagem e a criação de

signos que são suas expressões. A linguagem e a criação de signos, ao mesmo tempo, são inerentes à constituição dos homens e dos significados contidos em suas representações do mundo.

Podemos afirmar que as representações integram um universo de símbolos, impregnados da subjetividade das pessoas. Relacionada a este universo e desempenhando um papel importante, a linguagem se coloca como “a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos” (GALVÃO apud GIL FILHO, 2007, p. 67). Para Galvão (apud GIL FILHO, 2007, p. 67), “a representação é expressão concreta, quer por manifestação, quer por emanção de uma vontade incontrolada do aqui e agora, e não admite redução a nenhuma outra forma semelhante. A individuação da representação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem”

Conforme apontamos, a linguagem desempenha um papel fundamental quando nos referimos às representações, uma vez que, de acordo com Gil Filho (2005), encarnam a possibilidade de reapresentação do mundo. No que se refere ao ensino, se pode afirmar que trabalhar em sala de aula com diferentes linguagens é uma proposição didática que se coaduna com a perspectiva apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Neste, encontra-se que a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informações. As obras literárias brasileiras, por exemplo, retratam diferentes paisagens, bem como aspectos sociais, culturais e naturais, evidenciando representações do espaço. As produções musicais, a fotografia, o cinema, são outros exemplos de fontes capazes de possibilitar a mediação metodológica entre os conhecimentos sobre o espaço geográfico e as vivências cotidianas, no ambiente de sala de aula, conforme afirma Katuta (2007, p. 235):

As letras das canções, as poesias, os textos em prosa, as pinturas, as histórias em quadrinhos, os filmes, as telenovelas, entre outros, apresentam as espacialidades vivenciadas pelos diferentes grupos sociais. São formas de registro das Geografias de cada um de nós, daí a importância de serem repensadas e (re)apropriadas pelos professores desta disciplina.

As diferentes linguagens podem auxiliar a Geografia na busca de informações e servir como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Assim, é importante que os professores busquem ampliar o leque de linguagens a serem utilizadas como recurso didático para abordar temas da Geografia. Ainda nesta perspectiva, Guimarães (2007, p.50) mostra que:

O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar.

As linguagens são importantes veículos didáticos, não só como uma forma deixar as aulas atraentes e dinâmicas, mas como recurso que oferece ao aluno a oportunidade de enriquecimento cultural, de aproximação entre a realidade cotidiana e aquela exposta no conteúdo ministrado pelo professor.

O Desenho como Ferramenta Metodológica

A sala de aula apresenta-se como um espaço plural onde se entrecruzam diferentes realidades. Neste sentido, constitui-se um desafio para o professor lidar com essa diversidade, que inclui também variados modos de apreensão dos conteúdos por parte dos alunos.

Diante dessa complexa realidade, torna-se fundamental que o professor fundamente sua atuação em metodologias que sejam eficientes e atrativas, despertando o interesse do aluno pelo aprender. Todavia, é reconhecível que as aulas expositivas ainda

são a estratégia metodológica mais usada por significativa parcela de professores. Não desconsiderando a eficiência desse tipo de aula, dependendo da densidade da exposição, da natureza do conteúdo, dos objetivos da aula, entre outros fatores, faz-se mister ressaltar a importância do recurso didático como mediador do processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, aliar a exposição do professor aos recursos didáticos torna-se uma estratégia positiva no sentido de que a aula adquire outra dinâmica, tornando-se mais criativa, instigante e potencializadora da aprendizagem. Não é demais afirmar que a curiosidade é um ponto que, quando aguçado, estimula o desejo de aprender, a ânsia de descobrir o mundo. De acordo com Alves (2004, 62):

A curiosidade é a voz do corpo fascinado com o mundo. A curiosidade quer aprender o mundo. A curiosidade jamais tem preguiça! Por amor à criança – e ao corpo – não seria possível pensar que o nosso dever primeiro seria satisfazer essa curiosidade original, que faz com que a aprendizagem do mundo seja um prazer?

Assim, trabalhar com recursos didáticos como estratégia de ensino é uma prática prazerosa, que prima pela curiosidade, criatividade e autonomia dos sujeitos aprendizes. Neste contexto, se destaca o desenho como recurso didático que, por ser rico em traços e cores, “abre caminhos de análise para a ciência geográfica, estimulando no leitor dessa imagem, não só a interpretação, mas a curiosidade, a imaginação, o desejo, as sensações geográficas” (DANTAS; MORAIS, 2008, p. 149).

O desenho é uma forma de linguagem que representa e se aproxima da realidade cotidiana. Quando lidamos com o desenho, estamos lidando com o aspecto visual da memória (SANTOS, 2006), este é então um texto da realidade. Na Geografia, os desenhos podem ser vistos como forma e/ou representação espacial, tendo em vista que, muitas vezes, representam espaços vividos e práticas sociais. “É por meio do desenho, em atividade individual ou coletiva, que o não-dito se expressa nas formas, nas cores, na organização e na distribuição espacial” (PONTUSCHKA, et al. 2007, p. 293). Ao desenharmos estamos expressando nossa própria visão e raciocínio das “coisas”.

Segundo Frange e Vasconcellos (2004, p.10), para desenhar é preciso estimular o olhar, pois “o olhar constrói, não é neutro, não é passivo, enfim, não é uma simples janela a ser aberta para o mundo”. Os referidos autores (2004, p. 48) acrescentam:

O desenho, enquanto uma criação social, não está fora de um espaço de relações que são construídas, nas quais grupos sociais se expressam, emitem valores, concepções de vida, enfim, é o resultado de experiências diversas provocadas e estimuladas, constituindo costumes de homens, mulheres e crianças. É o olhar que interfere na paisagem experimentada, desenhar é uma expressão pouco usual, principalmente numa sociedade da imagem massificada, da informação rápida, rasteira e efêmera.

Certamente, este é um recurso que desperta e atrai a atenção dos alunos por ser algo presente no dia-a-dia de todos. O desenho apresenta-se como um suporte que pode e deve ser aliado do ensino de Geografia, visto que a leitura deste recurso visual estimula o senso crítico, desenvolve a capacidade de contextualização, interpretação e análise do aluno. Outrossim, permite a realização de uma abordagem mais subjetiva dos temas expostos, possibilitando que o professor não se mantenha preso a mecanismos da abordagem racionalista.

Modalidades do Desenho

O desenho apresenta duas modalidades, podendo ser espontâneo (quando nasce de uma vontade “natural”) ou imitativo, quando se tenta copiar uma imagem do “real”. Para Santos (2006,

p.196), os desenhos “possuem um encanto próprio, sensibilidade e são frutos de uma atividade prazerosa”. Eles podem refletir situações da vida cotidiana, sonhos e medos. Entre os desenhos – espontâneos e imitativos – podemos elencar algumas modalidades que interessam ao campo geográfico, como o desenho de trajetos e o desenho de paisagens.

Nos desenhos de trajetos, os indivíduos podem realizar mental ou geograficamente um caminho a seguir. Todos os trajetos têm como estrutura básica uma sequência espacial, ou seja, uma ordem espacial associada a um deslocamento no espaço em um período de tempo (PONTUSCHKA, et al., 2007). Ainda para esta autora, o desenho de paisagem pode mostrar “uma bela vista da natureza imaginada ou ainda uma de caráter urbano” (PONTUSCHKA, et al., 2007, p. 298). Ao desenharmos paisagens estamos desenvolvendo nossa sensibilidade por meio da visão, mas também podemos representar as sensações advindas de outros órgãos sensitivos, como o olfato e a audição. Para além de um texto sobre a realidade, os desenhos (espontâneos ou imitativos) são “esquemas gráficos de organização da relação do ser humano com o mundo (PONTUSCHKA, 2007, p. 302).

Outra forma da arte de desenhar é representada pelo croqui. Para Pontuschka (2007), o croqui é um desenho, um esquema rápido, utilizado antigamente pelos geógrafos nos trabalhos de campo e também pelos professores de Geografia em sala de aula, para explicação dos fenômenos e dos processos físicos-naturais e humanos. Existem vários tipos de croquis, sendo três os que mais interessam a Geografia: o de análise/localização, o de correlação e o de síntese.

O croqui de análise/localização apresenta dado fenômeno de forma isolada; o croqui de correlação estabelece dois ou mais fenômenos ocorridos em um mesmo espaço; e o croqui de síntese, estabelece relações entre diversos fenômenos em determinado espaço. Apesar das distinções os três croquis apresentam um ponto em comum, representam as informações de forma simplificada e estilizada. Seus elementos obrigatórios são: título (expressar o conteúdo) e legenda (explicar os símbolos utilizados). Podem ser confeccionados a partir de observações in lócus, destacando paisagens, construções, aglomerados urbanos, dentre outros, baseados nas fotografias frontais e aéreas verticais, que podem ajudar a destacar elementos mais significativos da paisagem.

É preciso ressaltar que o desenho ultrapassa o ato artístico e o recurso imagético, sendo importante instrumento para a localização espacial. Os croquis e os desenhos de trajetos são ferramentas eficazes para trabalhar nos indivíduos o sentido de orientação e localização no espaço geográfico.

Refletir sobre os modos de apropriação e representação espaciais supõe também pensar a respeito de como foram sendo delineadas na experiência cotidiana. Para tal, é necessário um esforço na tentativa de explicar, senão de apresentar estas noções que empreendem uma assimilação da realidade. A Geografia utiliza a expressão “representação espacial” para dada operação onde se expressa graficamente uma imagem presente em nosso imaginário. No entanto, poderíamos utilizar a expressão “representações espaciais mentais” para melhor designar tal operação, que é uma forma de linguagem. Ensinar Geografia utilizando múltiplas linguagens como recurso metodológico é uma estratégia para que as aulas se tornem mais interessantes e, assim, despertem a atenção dos alunos, propicie a articulação dos saberes e aproxime o conteúdo da aula à realidade, já que, muitas vezes, parece distante da vida cotidiana.

A prática docente deve proporcionar momentos diferentes na sala de aula, enriquecendo-a, fazendo desse ambiente um lugar onde o aluno pode se expressar, aprender e adquirir conhecimen-

tos. Nesse processo, é salutar que o professor utilize ferramentas que se mostrem favoráveis (como o desenho) a aprendizagem do aluno e eficientes no sentido de superar a dicotomia entre teoria e prática no decorrer da aula. Além do desenho, outros recursos didáticos como slides, vídeos, músicas, textos literários, imagens, jornais, etc., podem ser explorados nas aulas de Geografia, sempre de forma articulada ao conteúdo, visando estimular a participação dos alunos. Na sociedade atual, em que diferentes mídias, linguagens e representações foram disseminadas, torna-se um imperativo para o professor repensar constantemente sua prática.

Esta autoreflexão está norteada não somente pelo desejo de obter êxito em seu ofício, mas também de contribuir, no âmbito da Educação Geográfica, para a formação cidadãos críticos e conscientes de seu papel na construção do espaço geográfico.

Ensinar não é somente transmitir conhecimentos, mas construir estratégias que estimulem o aluno a aprender. É assumir o desafio de participar de um jogo de quebra-cabeça que tem um desenho incompleto. E, na incompletude desse desenho, há sempre um pedaço faltando que motiva a busca pelo seu preenchimento. Este é, pois, o que motiva e desafia o sujeito a construir e incorporar alternativas que favoreçam a construção da peça que falta, tornando salutar participar desse jogo. Assim, transitando por um verdadeiro labirinto, delinea-se o saber-fazer docente.

As Histórias em Quadrinhos como Construção da Leitura Geográfica⁴

A Necessidade de Novas Propostas

O estudo tem como objetivo construir uma proposta de prática de ensino em Geografia, utilizando-se de um recurso cada vez mais comum hoje em dia no campo da educação: história em quadrinhos. Este esforço de buscar formas alternativas para serem trabalhadas em sala de aula se faz cada vez mais necessário. As novas tecnologias de comunicação, aprimoradas dia a dia, tomaram conta do cotidiano das pessoas, inclusive os(as) estudantes. Isso faz com que as referências mudem, sejam outras, tornando a atividade escolar, como é conhecida e normalmente aplicada, algo desestimulante. Cito como exemplo, as aulas expositivas, utilização exagerada do quadro ou do livro didático.

Este último, então, trata-se, muitas vezes, da única forma de leitura de muitos alunos e alunas.

Explorado ainda superficialmente, esse recurso guarda um grande potencial pedagógico, por ser articulador de vários campos do conhecimento. As histórias em quadrinhos (HQ's) representam uma forma de expressão, um veículo de comunicação, além de uma linguagem artística e literária. Utilizando imagens em sequência – daí decorre também a denominação de arte sequencial – e palavras, narram uma história ou dramatizam uma ideia.

Possuem seus próprios códigos, os quais devem ser interpretados durante a sua leitura. Tratam-se dos símbolos conhecidos como balões, das expressões gráficas denominadas por onomatopéias e do conhecimento geral do leitor, ou seja, saber a ordem de leitura das imagens e palavras (que no ocidente se dá da esquerda para direita) e visualizar e compreender as diferentes perspectivas visuais. É importante ter ciência das diferenças existentes entre as diversas linguagens ligadas às HQ's. Cujas denominações são usadas pelas pessoas de forma pouco criteriosa. Segundo Ramos (2009, p.16):

Muitas vezes, esse excesso de nomes é consequência de um desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e de seus diferentes gêneros.

Sem saber direito do que se trata, escolhe-se um termo provisório e sem muito critério. Do ponto de vista do leitor, essa pluralidade de rótulos pode até atrapalhar a leitura. Charge e tira cômica, por exemplo, são textos unidos pelo humor, mas diferentes no tocante às características de produção. Para ficar em apenas uma distinção: a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, com os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias.

Por isso, aqui, as HQ's são apresentadas como uma forma própria de linguagem, com seus aspectos verbais e visuais, que exige uma prática de leitura diferenciada. Cujo exercício muito pode acrescentar no desenvolvimento do estudo da Geografia em sala de aula. Servindo, portanto, de alternativa às práticas de ensino, digamos, tradicionais, como o uso de livros didáticos, a resolução de questionários e listas de exercícios e as aulas expositivas, cada vez mais difíceis de serem ministradas nas nossas precárias escolas públicas, com alunos e alunas cuja impaciência e inquietações pessoais crescem exponencialmente.

Aliado a isto é um recurso amplamente aceito pelos estudantes tanto por tratar-se de um recurso já conhecido, utilizado nos seus cotidianos como na possibilidade de trazer para sala de aula outras formas de aprender e, mais pertinente ainda, por tratar-se de práticas de entretenimento dos estudantes. Buscando, dessa maneira, quebrar as formas mais tradicionais de prática em aula, aproximando-se mais da realidade da juventude atual, cujos anseios e inquietações dificilmente encontram espaço na escola.

Com esta perspectiva, podemos perceber, numa rápida avaliação, que as HQ's guardam um potencial muito grande, permitindo que sejam usadas mais que como um meio auxiliar para debater determinado assunto, sendo essa, infelizmente, a forma de utilização mais comum desse veículo em aula. Também, a mais óbvia. Exemplo disso temos a citação das histórias do Capitão América para ilustrar a Guerra Fria, de Tio Patinhas, para entender o espírito do capitalismo ou de Zé Carioca, para observarmos os estereótipos criados na caracterização de certo povo.

Ainda podemos citar as histórias de Tarzan ou Fantasma, para estudar a visão ocidental e europeia sobre a África. Enfim, as possibilidades nesse campo são várias.

Ainda é possível utilizar-se das HQ's como forma de estudo da paisagem. Através da apresentação dos aspectos visuais de alguma história e, assim, trabalhando a observação e a identificação de elementos da paisagem, estabelecendo correlações entre eles e, dessa forma, reconhecendo os processos de produção do espaço geográfico. Para Rama (2005, p.93):

As habilidades, efetivamente aprendidas, devem ultrapassar os limites da sala de aula, influenciando na própria maneira de ver o mundo. Espera-se que o aluno comece a desenvolver uma observação mais sistematizada e reflexiva em relação às paisagens com as quais se defronta.

Essas são formas importantes de utilização das HQ's em sala de aula, valorizando esse veículo como recurso pedagógico. Porém, ele ainda é tratado como suporte, um apoio. E pode ser mais que isso.

Sendo as HQ's, definidas por Eisner (1995) como Arte Sequencial, na qual, como já dizemos antes, encontramos diferentes formas de expressão, incluindo a escrita, o desenho, a fotografia, etc. Cujo processo de leitura exige a decodificação tanto de textos como de imagens, guardando, assim, uma grande relação com a análise geográfica, a qual demanda o mesmo esforço de compreensão e apropriação de signos. Assim, podemos dizer que o aprendizado desse veículo de expressão desenvolve uma inteligência espacial, competência importante no estudo da Geografia.

4 COSTA, Rafael Martins da. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO CONSTRUÇÃO DA LEITURA GEOGRÁFICA. ENPEG. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(25\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(25).pdf).

Eisner (1995, p.144) comenta que: a arte sequencial, especialmente nas HQ's, é uma habilidade estudada, que pode ser aprendida, que se baseia no emprego imaginativo do conhecimento da ciência e da linguagem, assim como da habilidade de retratar ou caricaturar e de manejar as ferramentas do desenho.

O autor mostra como a construção das HQ's envolve diversas áreas do conhecimento humano, desenvolvendo habilidades mentais e motoras. O estudo dessa forma de expressão se reveste ainda de maior importância nesse momento em que tantos professores e pesquisadores se empenham em novos recursos para o ensino da Geografia e de outras disciplinas, na busca incessante de superação de metodologias antigas que, em muitos aspectos, não dão mais conta das necessidades atuais dos estudantes.

Sobre isto Rama (2005, p.87) afirma que: o ensino de geografia passa por um processo de renovação, que resgatou a importância da leitura do mundo a partir da leitura da paisagem, a qual é entendida como o aspecto visível do espaço geográfico.

Nesse sentido, as HQ's tornaram-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial.

Ampliam-se, então, as possibilidades de utilização dessa linguagem.

Assim, acredita-se que o uso desse veículo de expressão auxilia na construção da leitura geográfica, propiciando uma inserção mais crítica no espaço vivido.

Essa proposta de prática de ensino leva em consideração também o atual estágio de desenvolvimento dos meios de informação os quais são acessados pelas pessoas de todas as idades. Transformando o ensino de geografia, para alguns, com uma visão mais tradicional, em algo dispensável, já que uma rápida pesquisa pela internet, pode instruir qualquer um sobre a localização de países, os diferentes climas e as culturas de cada povo que compõem este mundo. Tomando esse raciocínio, realmente não faz sentido, hoje, um estilo de aula que vise a narração de informações de coisas existentes no mundo. E, talvez, isso nunca tivesse feito sentido em nenhum momento.

Criando e exercitando sua imaginação, o aluno pode apropriar-se, a sua maneira, das coisas que o cerca, gerando a sua consciência do mundo.

Além do contato visual, e da leitura de seus códigos, a realização, na prática, da arte sequencial é um meio eficiente de entender essa linguagem. Para expressar-se por este veículo é preciso encontrar maneiras de transmitir determinada ideia ou contar certa história, usando imagens e palavras, do melhor modo. Segundo Eisner (1995, p.38):

A função fundamental da arte dos quadrinhos (...), que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos.

O Uso de Diferentes Linguagens no Ensino de História e Geografia⁵

No decorrer dos últimos vinte anos uma das principais discussões, na área da metodologia do ensino de História e Geografia, é a incorporação de diferentes linguagens e fontes no estudo destas disciplinas. Este debate faz parte do processo de crítica ao

uso exclusivo de livros didáticos tradicionais, do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira e da ampliação documental e temática das pesquisas.

Hoje, tomou-se prática comum o uso de imagens, obras de ficção, artigos de jornais, filmes e outros, no desenvolvimento de vários conteúdos escolares, sobretudo em História e Geografia, na escola fundamental e média. Esta opção metodológica amplia o campo de estudo, toma o processo de transmissão e produção de conhecimentos mais interessante, dinâmico e prazeroso. Entretanto, requer um aprofundamento do debate, de nossos conhecimentos acerca da constituição destas diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades.

Neste sentido, este artigo apresenta algumas reflexões, fruto de uma pesquisa bibliográfica mais ampla, sobre possibilidades de trabalho incorporando discurso ficcional, a imprensa periódica e imagens fotográficas.

Trata-se de um esforço para mapear olhares distintos de autores sobre cada uma destas formas específicas de linguagens, apontando possíveis riscos, ciladas e vantagens neste desafio metodológico.

1. A Obra de Ficção

De acordo com alguns autores, o historiador adota em relação aos fatos, quando procura reconstituir um passado desaparecido, uma perspectiva que é a da ficção (Hans Robert Jauss): as características que fazem fluir um relato e que nos permitem acompanhá-lo seriam análogas às da compreensão histórica (Louis O. Mink) e nessa medida importa conhecer fronteiras da narrativa (Genette). É preciso lembrar, no entanto, que a literatura, como formação discursiva própria, "não concede foros de verdade àquilo que declara" (Luiz Costa Lima); enquanto a fotografia representa a possibilidade de registrar mecanicamente uma imagem em condições análogas à da visão (Pierre Francastel, apud Pierre Bourdieu), o discurso ficcional indica, por definição, o afastamento do real. Até que ponto a utilização da obra de ficção como fonte para a História depende de seu valor testemunhal?

As grandes questões levantadas pelos professores de História e Geografia que trabalham com discursos literários podem ser resumidas assim: qual é a especificidade do discurso literário e do discurso histórico/geográfico? Quais as fronteiras que delimitam estes dois discursos? Quais os elementos comuns aos dois discursos? Como trabalhar a literatura em função da História e da Geografia, respeitando a especificidade do discurso literário?

O discurso literário e o discurso histórico têm em comum o fato de serem narrativos. O discurso histórico visa explicar o real através de testemunhos, dos documentos, que comprovam e evidenciam o acontecido. A obra de ficção não tem o compromisso, nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco comprovar os fatos. Trata-se de uma criação, um "teatro mental", como diz Costa Lima, o que por definição implica no afastamento do real.

Segundo Sevcenko, a literatura é antes de mais nada um produto artístico, porém com raízes no social. Nessa medida a literatura pode falar ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Assim o historiador é atraído não pela realidade e sim pela possibilidade.

A leitura de textos literários, reservando as especificidades artísticas, pode oferecer pistas, referências do modo de viver, dos valores e costumes de uma determinada época. É uma fonte que auxilia o desvendar da realidade, as mudanças menos perceptíveis. Os detalhes sobre lugares e paisagens, as mudanças naturais e os modos de o homem relacionar-se com a natureza em diferentes épocas.

⁵ FONSECA, Selva Guimarães. O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. *Ensino em Revista*, 4 (1): 53 – 57, jan/dez/1995. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/7810/5166>.

Cabe a nós, professores, ter muito tato e sensibilidade no trabalho com o discurso ficcional, pois é necessário respeitar os limites próprios do discurso; e, ao mesmo tempo, não confundir História e Geografia com ficção, aventura, ao tentar tomá-las mais prazerosas. Neste sentido, os critérios de escolha e uso de livros paradidáticos merecem especial cuidado, pois corre-se o risco de formar nos alunos uma concepção fantasiosa de História e Geografia.

2. *A Imprensa Periódica*

Partindo do pressuposto de que a escritura da imprensa periódica – sobretudo se se trata dos meios de comunicação de massa – é totalmente estranha aos modos tradicionais do discurso, como afirma Violette Morin, a maioria dos autores procura definir suas características em contraposição a outros gêneros. É o caso de Jules Gritti, que a compara com a obra de ficção: enquanto esta emana de uma criação fabuladora, a narrativa da imprensa é comandada, dia a dia, pelo acontecimento. Mas quando o acontecimento é registrado, o real transforma-se em representação. Por isso é que Roberto Franzosi considera a informação jornalística sempre questionável, a criar para o pesquisador o dilema de saber se está lidando com padrões de acontecimentos ou padrões de notícias. No chamado “grau zero de leitura”, o jornal é apenas um trampolim para a realidade: o acontecimento é que importa e a ele fatalmente chegamos pela informação jornalística (Maurice Mouillaud). Não se pode ignorar, entretanto, o processo de semantização que necessariamente ocorre quando um fato da realidade social é incorporado ao conteúdo de um meio de comunicação de massa (Eliseo Verón). Os recursos metodológicos aplicados a esse tipo de fonte, refletindo as diferentes modalidades apontadas pelos autores, vão da simples transposição de dados a processos sofisticados de mensuração.

Durante muito tempo, várias formas de registro da experiência humana foram ignoradas pelos historiadores, dentre elas a imprensa. Com o passar do tempo, o avanço tecnológico tomou a imprensa e os meios de comunicação em geral importantes veículos de (in)formação dos povos. Os pesquisadores, professores e alunos estão mergulhados, hoje, num elevado nível de informações provenientes do mundo inteiro, transmitidos por poderosos aparelhos de comunicação de massas. Assim, no atual contexto, não é mais possível uma atitude de desprezo do professor em relação à imprensa.

A ele cabe o papel de decodificador de mensagens e informações, incorporando-as no processo de ensino/aprendizagem, no dia a dia da sala de aula.

Isto nos remete a algumas reflexões, especialmente à relação imprensa/fato ou acontecimento/notícia ou informação. Começando pela imprensa, é necessário levarmos em conta o seu “lugar social”, a sua inserção e o papel das empresas de comunicação de massa na sociedade capitalista. Como produto de empresas que têm propostas político-sociais definidas, linhas, padrões ou receitas, a imprensa, ao informar, revela também a existência de um não-dito. O fato ou acontecimento é testemunhado, retrabalhado, transformado em notícia ou informações de acordo com as linhas ou interesses de quem tem o poder de produzi-lo e vendê-lo à população.

Pretende-se sempre atribuir foros de verdade às informações, porém, com sua linguagem própria, a imprensa explica o real de forma limitada e fragmentada. A informação, como toda mercadoria, surge coisificada, o em –em si”, onde nem o produtor(emissor) e nem o receptor(consumidor) se reconhece na mensagem veiculada. Ela traz em si uma série de explicações e é consumida pelos leitores, mas não é assimilada ativamente, pois ela só tem

valor no momento em que surge e, como toda ‘mercadoria cultural, se esgota, rapidamente, não permitindo um processo de assimilação. Neste sentido, como o pesquisador e o professor podem lidar com ela, já que é o trampolim para o real?

Neste caso não se trata de um leitor comum, consumidor de jornais diários. É necessário ter um olhar crítico, e não deixar que este olhar seja ofuscado, para que seja possível penetrar no campo inacessível ao leitor comum e até mesmo ao jornalista. É necessário estar atento aos padrões de notícias, aos preconceitos, às omissões e também às ênfases.

Trata-se de decodificar uma linguagem que com frequência diária chega às massas como testemunha ocular do real, do acontecido. Mas como toda representação, a imprensa também cria imagens do real: seletivas, limitadas e fragmentadas e, ao mesmo tempo, carregadas de pistas e dados que facilitam a busca de explicitação da totalidade.

A imprensa fornece materiais provenientes de diversas fontes, possibilitando, por exemplo, a análise de pontos de vista de diversos autores, especialistas e testemunhas vivos. Permite a aquisição de dados estatísticos sobre diversos aspectos da realidade e a reconstituição histórica de fatos, sobretudo do nosso passado recente. Apresenta imagens fotográficas, charges, histórias em quadrinhos, crônicas, mapas, poesias, canções e dossiês sobre diversos assuntos que constituem objetos do ensino de História e Geografia.

3. *Imagens Fotográficas*

A fotografia tem sido considerada modelo de transcrição objetiva do real. Como observou Pierre de Fenoyl (citado por Régis Durand) o fotógrafo não toca em nada do que vê e nada cria. A semelhança do objeto técnico que a produz, a fotografia – solidamente ancorada em seu referente – faz um registro fiel do mundo e é incapaz de transfigurar, a não ser em casos especiais, o objeto representado. A essa visão analógica, que tem a fotografia como “pura emanção ou depósito do real”, contrapõe-se a que a define como um processo de discurso ou interação entre o fotógrafo, o tema da foto e o espectador da imagem produzida (Paul Blyton) onde operam múltiplas escolhas (James Borchert). É a fotografia – imagem da imagem e não imagem da coisa – que constrói a aparência dos objetos e inventa real (Régis Durand). Que significado tem para professor e o pesquisador a discussão da imagem fotográfica?

Para o senso comum, fotografar quer dizer testemunhar o real. Imagem fiel da realidade? Como proceder ao utilizar a fotografia como fonte no ensino de História e Geografia? Como toda fonte histórica, a fotografia não deve ser tomada como espelho fiel do real. Ela é fruto do “dedo mágico de um fotógrafo que seleciona imagens, cores, luzes e ângulos”, conforme Durand. No trabalho do fotógrafo há um elevado grau de seletividade, de acordo com seus interesses, desejos e com as circunstâncias que cercam o momento da foto. O fotógrafo não retrata o que vê, tal qual é, mas o que deseja, o que separa, tal qual o vê. Enfim, concordando com Blyton, o que e como fotografar são uma opção.

O professor tem diante de si uma fonte, uma imagem ou representação do real, que traz em si uma elevada carga de subjetividade, exigindo uma postura crítica frente ao tratamento da objetividade do real. Entretanto, a fotografia, para muitos autores, não deve ser considerada apenas como mais uma evidência. Benjamin chama nossa atenção para o valor da fotografia, na medida em que ela complementa, amplia pelo olhar um novo campo de visibilidade que a documentação oral e escrita não recupera.

A discussão da representatividade da imagem fotográfica nos remete também à importante análise de Foucault sobre a questão do olhar; da visibilidade, da observação no interior dos espaços e práticas de controle e vigilância que permeiam as relações de poder na nossa sociedade.

A incorporação de imagens fotográficas no processo de ensino de História e Geografia amplia pelo olhar as possibilidades de, leitura do social, tentando captar aquilo que é ao mesmo tempo estranho e novo, trazendo a aproximação do olhar e da linguagem, da visibilidade e das coisas, da observação, da descrição e da análise. Concordando com Benjamim, possibilita captar o “sentido histórico”. Assim, professor e alunos não são aqueles que veem e contam o que viram, eles decodificam e reconstróem representações numa busca permanente do conhecimento da realidade social e histórica.

A Cartografia como Instrumento na Aproximação dos Lugares e do Mundo⁶

A Geografia é uma ciência que trabalha com diferentes recortes de espaço e tempo.

Porém, por uma questão de método, é impelida a fazer o recorte de seu objeto de estudo a partir de um recorte de tempo e espaço presente. Esse recorte pode ser de um lugar ou de um conjunto de lugares que precisam ser analisados, explicados e compreendidos no presente. Isso não significa que não se possa, a partir desse recorte temporal, buscar historicamente a dinâmica de suas transformações. Porém, a abordagem de qualquer tema ou conteúdo no estudo do espaço geográfico deve sempre estar comprometida com o tempo presente como fundamento metodológico.

A Geografia, por uma imposição de método, trabalha com uma pluralidade de espaços e lugares com recortes muito variados, alguns mais próximos, outros mais distantes do observador. Inclusive com níveis de interesses diferentes no aprofundamento dos elementos caracterizadores desses espaços. Tudo isso coloca para o geógrafo e para o professor de Geografia a importância da existência de recursos técnicos e didáticos que permitam, em seus estudos e pesquisas, a aproximação com seu objeto de estudo.

A cartografia torna-se recurso fundamental para o ensino e a pesquisa. Ela possibilita ter em mãos representações dos diferentes recortes desse espaço e na escala que interessa para o ensino e pesquisa. Para a Geografia, além das informações e análises que se podem obter por meio dos textos em que se usa a linguagem verbal, escrita ou oral, torna-se necessário, também, que essas informações se apresentem espacializadas com localizações e extensões precisas e que possam ser feitas por meio da linguagem gráfica/cartográfica. É fundamental, sob o prisma metodológico, que se estabeleçam as relações entre os fenômenos, sejam eles naturais ou sociais, com suas espacialidades definidas.

O nível de aprofundamento pretendido nos estudos, ou no ensino desses fenômenos que caracterizam os lugares, exigirá o trabalho com as diferentes escalas de representações cartográficas, com a linguagem gráfica por meio da produção e leitura de mapas.

Tanto para a pesquisa como para o ensino em Geografia é preciso ter clareza sobre a escolha do recorte e da escala com que se irá trabalhar. Vale lembrar que, no estudo dos lugares, para que o aluno possa se situar melhor, a cartografia estará neste ciclo priorizando a grande escala, garantindo-lhe maior detalhamento dos fatores que caracterizam o espaço de vivência no seu cotidiano.

6 *Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>.*

O aprendizado por meio de diferentes formas de representações e escalas cartográficas deverá estar contemplado nesse momento em que se inicia o aluno nos estudos geográficos.

A cartografia pode oferecer uma variedade enorme de representações para o estudo dos lugares e do mundo. Fenômenos naturais e sociais poderiam ser estudados de forma analítica e sintética. É interessante ensinar os alunos a realizar estudos analíticos de fenômenos em separado mediante os mapas temáticos, tais como: clima, vegetação, solo, cultivos e agrícolas, densidades demográficas, indústrias etc. Ao mesmo tempo, realizar analogias entre esses fenômenos e construir excelentes sínteses. A possibilidade de realizar associações entre esses fenômenos nos permitirá uma melhor caracterização dos espaços geográficos. Isso também pode garantir a explicação e a compreensão não somente dos lugares isolados e próximos, mas também da pluralidade dos lugares do mundo.

A cartografia no ensino de Geografia obteve grandes avanços teóricos e metodológicos.

Dentro da perspectiva de uma Geografia tradicional e positivista, a cartografia significava muito mais uma técnica da representação voltada para a leitura e a explicação do espaço geográfico onde o leitor comportava-se como sujeito. Atualmente, comprometida com as novas correntes do pensamento de uma Geografia da percepção e fenomenológica, o aluno passou a ser orientado a desenvolver uma consciência crítica em relação ao mapeamento que estará realizando em sala de aula. Isso significa dizer que existe sempre uma perspectiva subjetiva na escolha do fato a ser cartografado, marcado por um juízo de valor. O aluno deixou de ser visto como um mapeador mecânico para ser um mapeador consciente, de um leitor passivo para um leitor crítico dos mapas.

Da Alfabetização Cartográfica à Leitura Crítica e Mapeamento Consciente⁷

A alfabetização cartográfica compreende uma série de aprendizagens necessárias para que os alunos possam continuar sua formação nos elementos da representação gráfica já iniciada nos dois primeiros ciclos para posteriormente trabalhar com a representação cartográfica. A continuidade do trabalho com a alfabetização cartográfica deve considerar o interesse que as crianças e jovens têm pelas imagens, atitude fundamental na aprendizagem cartográfica. Os desenhos, as fotos, as maquetes, as plantas, os mapas, as imagens de satélites, as figuras, as tabelas, os jogos, enfim tudo aquilo que representa a linguagem visual continua sendo os materiais e produtos de trabalho que o professor deve utilizar nesta fase. Mas, para alcançar os objetivos da alfabetização cartográfica, todos esses recursos devem ser examinados e os alunos devem encontrar significados, estimulando a busca de informações que as imagens contêm. O objetivo do trabalho é desenvolver a capacidade de leitura, comunicação oral e representação simples do que está impresso nas imagens, desenhos, plantas, maquetes, entre outros. O aluno precisa apreender os elementos básicos da representação gráfica/cartográfica para que possa, efetivamente, ler o mapa.

Algumas noções, expostas no quadro a seguir, são básicas na alfabetização cartográfica, tais como: a visão oblíqua e a visão vertical, a imagem tridimensional e a imagem bidimensional, o alfabeto cartográfico (ponto, linha e área), a construção da noção de legenda, a proporção e a escala, a lateralidade, referências e orientação espacial. O desenvolvimento dessas noções contribui

7 *Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Geografia: Ensino de quinta a oitava séries. 1. Título. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>.*

para a desmistificação da cartografia como propositora de mapas prontos e acabados no ensino fundamental e médio, assim o objetivo das representações dos mapas e dos desenhos enfocará a compreensão/transmissão de informações e não simplesmente objeto de reprodução. O objetivo das representações dos mapas e dos desenhos é transmitir informações, e não simplesmente objeto de reprodução.

Este momento pode ser uma transição para que os alunos adquiram as competências para trabalhar com análise/localização e com a correlação. Para desenvolver as competências necessárias para tornar o aluno um leitor crítico e mapeador consciente, pode-se a partir do terceiro ciclo introduzir o trabalho em três níveis: estudando um fenômeno isoladamente e analisando a sua distribuição espacial, produzindo cartas analíticas; combinando duas ou mais cartas analíticas; produzindo sínteses ou cartas que reúnem muitas informações analíticas. Estas três formas de trabalho com a cartografia podem ser feitas, por exemplo, quando se quer estudar um fenômeno complexo como as enchentes numa cidade ou mesmo o crescimento populacional de uma região e sua relação com a indústria ou a agricultura.

A partir do terceiro ciclo, esses três instrumentos de estudo podem ser estruturados em quatro níveis: o nível compilatório, em que ocorre a coleta dos dados e sua compilação; o nível correlatório, em que os dados coletados são analisados e ordenados; o nível semântico, em que se localizam os problemas parciais, de modo que organize seus elementos dentro de um problema global (ou de generalização); nível normativo em que resulta a síntese do trabalho, ou seja, a sua tipologia.

Sugerem-se os seguintes itens como parâmetros para trabalhar este tema:

- os conceitos de escala e suas diferenciações e importância para as análises espaciais nos estudos de Geografia;
- pontos cardeais, utilidades práticas e referenciais nos mapas;
- orientação e medição cartográfica;
- coordenadas geográficas;
- uso de cartas para orientar trajetos no cotidiano;
- localização e representação em mapas, maquetes e croquis;
- localização e representação das posições na sala de aula, em casa, no bairro e na cidade;
- leitura, criação e organização de legendas;
- análise de mapas temáticos da cidade, do estado e do Brasil;
- estudo com base em plantas e cartas temáticas simples;
- a utilização de diferentes tipos de mapas: mapas de itinerário, turísticos, climáticos, relevo, vegetação etc.;
- confecção pelos alunos de croquis cartográficos elementares para analisar informações e estabelecer correlação entre fatos.

Os mapas como possibilidade de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares

Neste tema pretende-se o trabalho prático com leitura crítica e mapeamento de temas que são tratados ao longo do terceiro ciclo. A rigor todos os temas geográficos podem ser espacializados. É muito importante neste momento o professor tornar a cartografia um recurso rotineiro em sua sala de aula. Mas é fundamental que a utilização dos mapas e outros recursos gráficos não sejam banalizados. Por exemplo, é muito comum usar o atlas para localizar a ocorrência de um fenômeno, o que é reduzir o papel dos mapas à possibilidade de compreensão e explicação dos estudos geográficos. O que se sugere é uma ampla utilização dos mapas de diferentes tipos para questionar, analisar, comparar, organizar, correlacionar dados que permitam compreender e explicar as diferentes paisagens e lugares.

Nesse sentido a prática da leitura crítica e do mapeamento consciente permite algumas aquisições metodológicas em três níveis:

Aquisições Simples

- Conhecer e identificar os pontos cardeais;
- Saber se orientar com uma carta;
- Encontrar um ponto sobre uma carta com as coordenadas geográficas ou com o índice remissivo;
- Saber se conduzir com uma planta simples;
- Extrair de plantas e cartas simples apenas uma série de fatos;
- Saber calcular altitude e distância;
- Saber se conduzir com um mapa rodoviário ou com uma carta topográfica.

Aquisições Médias

- Medir uma distância sobre uma carta com uma escala numérica;
- Estimar uma altitude por um ponto da curva hipsométrica;
- Analisar a disposição das formas topográficas;
- Analisar uma carta temática representando um só fenômeno (densidade populacional, relevo, etc.);
- Reconhecer e situar as formas de relevo e de utilização do solo;
- Saber diferenciar declives;
- Saber reconhecer e situar tipos de clima, massas de ar, formações vegetais, distribuição populacional, centros industriais e urbanos e outros.

Aquisições Complexas

- Estimar uma altitude entre duas curvas hipsométricas;
- Saber utilizar a bússola;
- Correlacionar duas cartas simples;
- Explicar a localização de um fenômeno por correlação entre duas cartas;
- Elaborar uma carta regional com os símbolos precisos;
- Saber elaborar um croqui regional simples (com legenda fornecida pelo professor) e posteriormente com legenda elaborada pelo aluno;
- Saber levantar hipóteses reais sobre a origem de uma paisagem;
- Analisar uma carta temática que apresenta vários fenômenos;
- Saber extrair de uma carta complexa os elementos fundamentais.

Sugerem-se os seguintes itens como parâmetros para trabalhar este tema:

- a importância dos sistemas de referência nos estudos das paisagens, lugares e territórios;
- cartas de relevo de diferentes paisagens e medidas cartográficas (altitude e distância);
- análises de cartas temáticas (densidade populacional, relevo, vegetação etc.);
- estudo das cartas das formas de relevo e de utilização do solo;
- estudo das cartas de tipos de clima, massas de ar, formações vegetais, distribuição populacional, centros industriais, urbanos e outros;
- mapear e desenhar croqui correlacionando cartas simples;
- leitura de cartas sintéticas;
- leitura e mapeamento de cartas regionais com os símbolos precisos;

- estruturação da legenda pelos alunos com seleção dos elementos, hierarquia e agrupamentos a partir de fotos aéreas;
- elaboração de croquis com legendas fornecidas pelo professor ou elaboradas pelos alunos;
- análise de cartas temáticas que apresentam vários fenômenos;
- identificar, compilar e produzir mapas intermediários dos elementos fundamentais a partir de uma carta complexa.

Esses eixos, temas e itens contemplam conteúdos de diferentes dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais que, segundo esta proposta de ensino, são considerados como fundamentais para atingir as capacidades definidas para este segmento da escolaridade. A seguir, são apresentados, em forma de lista, de modo que destaque suas dimensões e as principais relações que existem entre eles:

- que a Geografia é uma área dinâmica, comprometida com a explicação e a compreensão do mundo, colaborando para que o aluno possa se situar no conjunto das transformações locais e globais;

- que existem conceitos e categorias que, a partir do terceiro ciclo de aprendizagem, o aluno deverá começar a aprender a identificar e operacionalizar no processo de sua compreensão do mundo;

- que o estudo da Geografia deve criar as oportunidades para que, com esses temas e conteúdos, o aluno possa conhecer e transcender de seu lugar como forma de existência para outros lugares, e saber operar com as mediações necessárias para compreender a diversidade do mundo cada vez mais integrado.

Ao mesmo tempo, perceber que seu lugar pertence ao mundo e o mundo interage com o seu lugar, com seu imaginário;

- que trabalhar com a cartografia fornece instrumentos de explicação e compreensão do espaço geográfico;

- que a cartografia como forma de linguagem visual o aproxima dos lugares. Perceber que por meio da cartografia pode-se ler as informações sobre os lugares, mas que a leitura está condicionada à escala cartográfica;

- oferecer aos alunos a oportunidade de compreender que o conceito de cidadania significa muito mais do que ser um indivíduo ou um número, mas uma pessoa integrada ao seu lugar, que passa a se apropriar e usufruir de todos os benefícios que ele oferece. Assim como ter a possibilidade de construir sua identidade com o lugar;

- compreender que as paisagens que constituem o espaço habitado guardam, em si, semelhanças e diferenças que coexistem e interagem no processo de suas transformações;

- que os interesses das diferentes classes sociais e a política dos estados vêm historicamente se redefinindo e, consequentemente, transformando essas paisagens;

- oferecer aos alunos os conhecimentos necessários para que eles reconheçam a importância das leis da natureza para que a sociedade possa dela se apropriar em seu benefício, mas cujas leis deveriam ser respeitadas para não haver consequências desastrosas quando não observadas, respeitadas ou equacionadas.

Orientações Metodológicas

Sobre Metodologia⁸

Qualquer que seja a concepção de aprendizagem e opção de ensino, estas deverão estar voltadas à formação plena do educando. Portanto, deve-se ter sempre o cuidado de deixar claro quais são os métodos mais adequados que garantem atingir esse grande objetivo.

A simples relação criteriosa dos conteúdos a serem ensinados não representa uma garantia por si mesma para a formação plena do aluno. Cada pessoa representa um mundo de experiências vividas diferentes. Isso significa dizer que, na leitura e compreensão desse conteúdo, cada um interagirá de forma diferente: A diversidade é inerente à natureza humana. Assim, o professor deverá ter consciência que muitos deverão ser os recursos didáticos utilizados no processo da aprendizagem para contemplar essa diversidade que caracteriza o universo da sala de aula.

Quando o professor entra em uma sala de aula, muitos são os desafios que se apresentam a ele. É com esse espírito que deverá assumir o seu cotidiano profissional.

Cada aula será sempre um novo desafio, pois a dinâmica desse cotidiano é enriquecedora.

Portanto, uma sala de aula cada dia será diferente da anterior. Fugir das atitudes padronizadas, que congelam as multiplicidades de situações em que a relação professor/ aluno e área, torna-se um grande desafio.

É importante que ter consciência de que essa multiplicidade de situações, em alguns momentos, exigirá do professor uma atitude de mediador nas interações educativas com seus alunos. Outras vezes, poderá estar, juntamente com eles, criando desafios perante os conteúdos apresentados, que por sua vez poderão estar revelando a realidade do mundo do aluno. Talvez a mais difícil seja aquela quando o professor deverá assumir a direção da interação no processo educativo. A mais difícil, talvez, porque nesse momento deverá ter a clareza dos limites de sua intervenção para não anular a criatividade e a iniciativa dos alunos. Difícil, também, é o desafio que se coloca quando o professor deve assumir a atitude de sugerir caminhos para o educando no processo de aprendizagem dos conteúdos ministrados. As fronteiras entre o ato de sugerir e o de pontificar muitas vezes são pouco transparentes.

A sala de aula é um universo bastante complexo. Muitos são os fatores que estão interagindo no seu interior, desde o campo de afetividade entre os alunos e deles com a escola e o professor, o nível de maturidade e individualidade de cada um dos alunos, assim como o nível de conhecimentos prévios que cada um carrega consigo, a natureza do espaço físico e dos materiais e recursos didáticos usados na sala de aula, até eventuais acontecimentos inusitados que poderão ocorrer com os alunos e seus familiares, e com o seu cotidiano fora da escola. Tudo isso leva à reflexão sobre as seguintes condições que deverão ser propiciadas no interior da sala de aula:

- 1) desenvolver um clima de aceitação e respeito mútuo, em que o erro seja encarado como desafio para o aprimoramento do conhecimento e construção de personalidade e que todos se sintam seguros e confiantes para pedir ajuda;

- 2) que a organização da aula estimule a ação individualizada do aluno para que possa desenvolver sua potencialidade criadora, mas que, também, esteja aberto a compartilhar com o outro suas experiências vividas na escola e fora dela;